

RESUMO - 06. CORPO, GÊNERO E PRÁTICAS CORPORAIS:
INTERSECCIONALIDADE ENTRE O ACESSO, EXPERIÊNCIAS E
NARRATIVAS SOBRE PRÁTICAS CORPORAIS | PRESENCIAL

**NO CENTRO DO PATIO: O ESPAÇO FÍSICO/GEOGRAFICO ESCOLAR E O
SILENCIAMENTO FEMININO**

Alane Silva De Abreu (alaneabreuhistoria@gmail.com)

Giovanna Maia Fonseca (gimaiafonseca@gmail.com)

Joao Olímpio Soares Dos Reis (joao.luciene.reis1996@gmail.com)

Esse estudo tem como principal base de referência a pesquisa das urbanistas Honorata Grzesikowska e Ewelina Jaskulska(2023), que mapearam durante um ano os pátios de escolas em Barcelona, a fim de observar as interações sociais de estudantes da educação básica na cidade espanhola. Constatou-se nessa experiência que, enquanto os alunos do sexo masculino ocupam todo espaço das escolas, especialmente o pátio no momento do recreio, as meninas ficam “pelos cantos”, nos corredores e na maior parte do tempo recolhidas e sem participar das brincadeiras “coletivas” no intervalo e na aula de Educação Física. Nesse mapeamento foi ilustrado a ocupação do espaço pelos meninos e meninas, cujas linhas correspondentes a locomoção masculina estavam presentes em toda parte, enquanto as femininas se concentravam nas salas de aula, e corredores durante o recreio. Esse isolamento em espaços com menos holofotes ou mais discretos é essencialmente cultural, até mesmo por questões de segurança. Em contrapartida, espera-se dos homens comportamento contrário. Verifica-se que desde a infância os meninos ocupam o espaço que querem, ou que é imposto que eles ocupem. Pensando a partir dessa

experiência, a revista Perkins & Will complementa o estudo trazendo as consequências que essa distinção social proporciona as adolescentes chegando até a vida adulta. Desse modo, o espaço físico educa de maneira discriminatória, ensinando as meninas desde criança que o centro dos espaços físicos/geográficos não é para mulheres, bem com as posições de poder e visibilidade pública são para os garotos. Tal padrão de comportamento gera insegurança e medo, corroborando com a invisibilidade, apagamento feminino e o machismo, além de discriminação contra comunidade LGBTQIAPN+, visto que há uma premissa de padrão heteronormativo nesses ambientes. Espera-se que, no momento do recreio as meninas estejam sentadas, conversando entre si buscando não serem notadas. Diferentemente, os meninos estarão se exercitando, jogando bola, ocupando os espaços centrais. Essas vivências formam pessoas, e culminam em mulheres recolhidas e homens intolerantes. Essa realidade reverbera nas ocupações em cargos de poder, reuniões etc. Lugares que os homens devem escutar as mulheres e respeitar sua fala e o simples direito de ir e vir. Todos esses fatos, revelam como as mulheres são estigmatizadas, desde a infância e adolescência prevalecendo na vida profissional. Essas situações ameaçam o direito de existir e de realizar funções desejadas por mulheres. Ao apurar como é a realidade escolar de alunas da rede pública de Montes Claros, bem como é proposto a distribuição do espaço físico na escola, se são ouvidas durante as brincadeiras e conseguem ter voz ativa entre os colegas e em outros momentos. Pensamos também, que para a haver mais inserção e permanência feminina na universidade e nos espaços de poder é preciso que as pessoas sejam respeitadas nos lugares que ocupam sem ameaças, preconceitos e agressões.

Palavras-chave: recreio gênero poder.